

## A ESTRANGEIRIDADE E AS MÁSCARAS DO FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM JOSEPH SMITH DO ROMANCE “FUNDADOR” DE NÉLIDA PIÑON

Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva<sup>i</sup> (UERN)

### **Resumo:**

*Em uma definição aparentemente simples, formulada a partir da observação do direito segundo a terra e do direito segundo o sangue, Kristeva (1994, p. 100) apresenta-nos um conceito de estrangeiro. A estudiosa caracteriza esse sujeito como “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro”. Para chegar ao que considera uma definição moderna e mais aceitável do termo, a pensadora realiza com bastante clareza e precisão um levantamento histórico da condição do ádvena, assinalando nessa trajetória a presença de uma espécie de estatuto jurídico geral do estrangeiro até chegar à formação dos Estados-nações, para os quais esse sujeito é considerado como “aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade”. (KRISTEVA, 1994, p. 101). Partiremos dessa conceituação para discutirmos a construção identitária do personagem de nacionalidade palestina Joseph Smith, do romance *Fundador* (1969) da escritora contemporânea Nélida Piñon, frente à possibilidade de realização do sonho americano.*

**Palavras-chave:** Identidade, Estrangeiro, Familiar, Nação

### **Introdução**

Em uma definição aparentemente simples, formulada a partir da observação do direito segundo a terra e do direito segundo o sangue, Kristeva (1994, p. 100) apresenta-nos o seu conceito de estrangeiro. Respondendo a uma pergunta elaborada por ela própria, a estudiosa caracteriza esse sujeito como “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro”. Para chegar ao que considera uma definição moderna e mais aceitável do termo, dada um pouco mais à frente, no desenvolvimento da sua reflexão, a pensadora realiza com bastante clareza e precisão um levantamento histórico da condição do ádvena, assinalando nessa trajetória a presença de uma espécie de estatuto jurídico geral do estrangeiro até chegar à formação dos Estados-nações, para os quais esse sujeito é considerado como “aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade”. (KRISTEVA, 1994, p. 101).

Partiremos dessa conceituação para analisarmos o perfil do personagem Joseph Smith, do romance *Fundador* de Nélida Piñon, frente à possibilidade de realização do sonho americano. Publicado em 1969, esse livro aparece no cenário literário nacional como um sucesso de crítica,

rendendo à autora, no ano seguinte ao seu lançamento, o prêmio Walmap, atribuído a obras literárias consideradas como acima do nível comum. Nessa narrativa, Piñon entrecruza três temporalidades distintas para narrar a fundação de uma territorialidade do desejo: Jerusalém. Na última delas, a moderna, realiza o rito de passagem do Oriente para o Ocidente, especificamente para o Novo Mundo, onde se principiam as ações do enredo e onde encontramos o palestino Joseph Smith em terras americanas.

Em territorialidade estadunidense, certamente ele será considerado um estrangeiro, adequando-se perfeitamente à definição de Kristeva, visto que, como toda a sua família, o personagem não é considerado, nos Estados Unidos, um cidadão com nacionalidade americana, mas um nativo de outra terra. Essa inscrição originária, que faz dele um “outro” em solo estadunidense, será determinante para que Joseph assimile as imagens da nação americana na perspectiva do imigrante. Nesse sentido, a sua identificação enquanto ser vai se constituir num espaço de tensão entre a estrangeiridade e as máscaras do familiar, entre o duplo e a falta, entre um discurso de inclusão e de exclusão, e até mesmo entre uma espécie de orgulho e vergonha, sentimentos que são originados pelo fato de o personagem se situar permanentemente entre duas pátrias, duas culturas, duas línguas, dois mundos.

Trazido para os Estados Unidos ainda criança, o personagem não consegue se adaptar à realidade americana e, à medida que o tempo transcorre, passa a se incompatibilizar com a convivência familiar, tornando-se duplamente estrangeiro, já que será considerado também um “outro” no meio de sua parentela. A respeito de sua condição em território americano, pode-se dizer que Joseph experimenta um estado de orfandade, sentindo-se em constante desarmonia com o mundo que o cerca. Isso ocorre por dois motivos que, nesse caso, aparecem intimamente relacionados: Joseph é um “outro” em território estadunidense, assim como toda aquela cultura, aquele lugar e a gente que ali vive são um “outro” para ele; e, como boa parte dos homens do seu tempo, experimentando as crescentes transformações do mundo contemporâneo, Joseph se sente um sujeito descentrado, desejante, errante e insaciável, como observa o personagem Ptolomeu a respeito do amigo: “Orgulhava-se de Joe. Homem de sua época, impreciso e desesperado. Pretendendo refletir angústias que iluminassem seus contemporâneos, ainda que devesse visitar o inferno”. (PIÑON, 1997, p. 80).

De acordo com Hall (2006), a identidade do sujeito pós-moderno se caracteriza pela fragmentação, pela não-fixação, pelo desmoronamento dos valores até então concebidos como imutáveis. Nesse novo contexto, o indivíduo torna-se um sujeito mosaico, não mais tendo a sua identificação definida por uma relação biológica, mas se constituindo historicamente em função de

elementos nacionais, culturais, de gênero, de classe, de posição política e religiosa, mas não apenas esses. Determinam a formação da identidade do sujeito pós-moderno elementos contraditórios, posicionamentos conflitantes, imagens dissonantes. Se, além de pertencer a um contexto pós-moderno, esse sujeito experimenta o fenômeno da diáspora, é um desenraizado, estando em desconformidade com o espaço social no qual habita, a construção de sua subjetividade se torna ainda mais complexa.

No caso do personagem Joseph Smith, o fato de inscrever-se nessa dupla condição, a do estrangeiro e a do homem pós-moderno, será fundamental para que ele compreenda o sonho americano como um fracasso, um mal-entendido, que para ele não se realiza, embora a sua família obtenha determinado êxito nos negócios que administra. Ao longo dos anos, vai percebendo que as imagens do sonho americano, originadas lá atrás por meio da correspondência paterna e de outros artifícios, não passavam de objeto de manipulação do qual fora vítima o próprio pai, ele e toda a parentela. Nos Estados Unidos, enquanto seus pais e irmãos reúnem-se em torno do comércio da família, Joseph é tomado pelo sentimento da desagregação, vivendo parte dos seus anos na América tal qual um exilado, um verdadeiro corpo alheio, como se lhe tivessem roubado a sua inscrição de origem, que ele não admite ser substituída por outra, do que decorre a sua indiferença diante da comemoração da família quando o governo local lhe confere o título de cidadão americano:

Quando lhe concederam cidadania americana, sem a qual não se habilitaria a benefícios, como a bolsa de estudos, a família uniu-se em torno do certificado, a mãe trazia um bolo na bandeja. [...] Pretextou cansaço, ia tomar banho e deitar-se em seguida, fingindo que o bolo não era seu. [...] Faltava pouco para confessar-lhes que não pertencia a nenhum deles, era um apátrida, perdido na obscuridade da terra. [...] – Você agora é cidadão americano. Uma honra para a nossa casa. Veja o bolo que a sua mãe fez? Quis o pai abraçá-lo./ - Deixem-me em paz. Não gosto de bolo e nem admito comemorações. Nunca tive terra e nem ganhei uma outra apenas porque abdiquei da primeira. (PIÑON, 1997, p. 68).

O certificado de cidadão americano reforça um princípio de tensão identitária experienciado pelo personagem migrante, que se vê entre uma identificação documental e outra aparentemente abandonada quando ele parte da Palestina para os Estados Unidos. O documento concedido pelas autoridades americanas e que é motivo de festa e alegria para a sua parentela garante ao personagem o *status* de cidadão, possibilitando a ele usufruir, a partir daquele instante, de direitos que, ao longo da história, têm sido normalmente negados aos imigrantes ilegais. Kristeva (1994, p. 104) assinala alguns desses direitos, afirmando que, com raríssimas exceções, em todas as épocas, foi negado ao estrangeiro o exercício da função pública; o direito de sucessão, prevalecendo nesse caso o direito de confisco realizado pelo Estado; o direito à propriedade imobiliária, que prevaleceu até o final da

Idade Média; e até mesmo o direito à defesa perante os tribunais da lei.

A família de Joseph talvez pensasse justamente nesses e em outros benefícios decorrentes da concessão do título de cidadão americano, o que explica a comemoração. Kristeva adverte-nos ainda sobre outras circunstâncias que cercam a vida do sujeito migrante, observando que se o forasteiro possui algum direito enquanto homem, são negados a ele todos os direitos de cidadão, uma vez que é impedido de participar de qualquer decisão política, econômica e social mais relevante. Seus protestos ressoam surdos, já que não é ouvido nem consultado, o que implica questionar a sua própria condição humana: “Será ele inteiramente homem se não é cidadão? Não gozando os seus direitos de cidadania, possui os seus direitos de homem?” (Kristeva, 1994, p. 103).

O que ocorre a Joseph é que ele pouco se importa com essa cidadania conquistada pela declaração de um documento, mesmo que tal recusa coloque em risco a sua segurança pessoal e social. Antes de ser desejada, essa identidade, obtida por meio de uma certificação, parece-lhe mais uma máscara falsa imposta pela família e pelo Estado. Em lugar de vesti-la, o personagem prefere se professar como um apátrida, associando-se com o signo da falta e explicitando que a sua identificação não se constrói em torno de fronteiras demarcatórias ou registros documentais. Essa atitude de Joseph é reveladora de uma consciência crítica, pois a cidadania americana não é, na verdade, um presente ofertado pelo governo dos Estados Unidos, como muitos talvez acreditem que seja, mas uma maneira encontrada pelo Estado para, mesmo em tempos modernos, continuar impondo à alteridade uma representação do Mesmo, transformando o estranho em igual, o imigrante num simulacro de cidadão americano.

Em entrevista ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, Bauman (2005, p. 28) mostra como a prática da “identidade certificada” sempre foi uma maneira encontrada pelo Estado para controlar as identidades subversivas:

Outras identidades, “menores”, eram incentivadas e/ou forçadas a buscar o endosso-seguido-de-proteção dos órgãos autorizados pelo Estado, e assim confirmar indiretamente a superioridade da “identidade nacional” com base em decretos imperiais ou republicanos, diplomas estatais e certificados endossados pelo Estado. Se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, as “instituições adequadas” do Estado é que teriam a palavra final. Uma identidade não-certificada era uma fraude. Seu portador, um impostor – um vigarista.

Dessa maneira, ao demonstrar apatia diante do certificado de cidadania, Joseph parece confirmar a sua condição de estrangeiro, optando por ser algo diferente daquilo que o estado americano deseja que ele seja e preferindo a liberdade que a sua situação de *ádvēna* lhe confere.

Constatamos, então, que aquilo que os pais do personagem consideram uma honra torna-se para ele motivo de indiferença, ou até mesmo de desdém, visto que ele não cede aos apelos da família nem àqueles que o certificado de cidadania lhe convoca, preferindo resistir ao abraço do pai e ao bolo da mãe, para trancar-se no quarto durante o resto do dia. Fica explícita nesse episódio a estranheza de Joseph à própria família, que parece não compreendê-lo, como se ele vivesse exilado na própria casa.

Nessa circunstância, o personagem nos faz lembrar o dito de Parker (1993, p. 77), para quem a noção de exílio não está relacionada exclusivamente a um lugar, mas a uma posição, da qual se fala. É possível compreender a estranheza de Joseph à família, observando que, para ela, o modo como ele se comporta dentro do próprio lar vai se tornando desconhecido, visto que os valores, costumes e crenças do personagem passam a ser outros diferentes daqueles que a sua parentela considera. Sobre a relação do estrangeiro com a própria família, Kristeva ressalta que:

[...], o exilado é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detém. (KRISTEVA, 1997, p. 12, 13).

Essa independência em relação à figura materna é notória na vivência de Joseph, que, desde a infância, opta por uma conduta arredia e libertária, não se conformando, por exemplo, à educação religiosa proposta pela própria mãe. Ao invés de aceitar uma ligação com o universo místico a fim de amenizar a sua condição de estrangeiro, encontrando abrigo na casa de Deus, o personagem resolve afastar-se da territorialidade sagrada, optando em seu lugar pela aventura arriscada que só as ruas da cidade podiam lhe proporcionar:

Freqüentara a igreja com a mãe, ainda menino. Até largar sua mão, reclamando o cheiro do incenso. –Que mania de eternidade, mãe. Vadiou horas pelas ruas. A mãe buscou socorro do marido, protestando contra as conquistas que o filho exigia. Compreendendo aquele destino, o pai pediu explicações./ - Não quero saber de igrejas. Já tivemos igrejas demais na família, disse Joe. (PIÑON, 1997, p. 67, 68).

A mãe de Joseph Smith representa, nessa terceira temporalidade do romance *Fundador*, a figura de Monja, que já havia aparecido nas outras duas partes da narrativa. Em solo estadunidense, a nova Monja se encontra igualmente associada, como no passado, ao universo do culto religioso, como forma de encontrar amparo para a sua condição de mulher desterrada. Mas ela não consegue atrair o filho para a mesma crença, já que não é na espacialidade sagrada que Joseph se reterritorializa.

## Conclusão

Experimentando o triste paradoxo de pertencer e não pertencer, Joseph será a voz peregrina dessa terceira temporalidade do romance *Fundador*, próxima da voz do louco, do profeta, do revolucionário, do poeta sem nome e sem pátria. A sua diáspora não se encerra quando chega à América. Lá é que o personagem se tornará um sujeito errante, potencializando a sua natureza nômade ao atravessar, desde garoto, cotidianamente a cidade, sem quase nunca dar satisfação a ninguém: “O menino olhava o pai numa muda censura. Consistia sua liberdade em percorrer a cidade, cuspir nas ruas, xingar as mulheres da vida, aquela zona tinha-as em quantidade.” (PIÑON, 1997, p. 27). “Cultivava também o hábito de andar horas pelos parques, ruas, madrugada adentro, murmurando, praticando gestos que se confundiam com qualquer coisa obscena e livre”. (PIÑON, 1997, p. 40). “Joe aparecia uma vez, olhava o pai sem dizer uma palavra. Queria apenas os livros ou a rua. Andava até cansar-se.” (PIÑON, 1997, p. 72).

Com esse comportamento errante, Joseph parece seguir a vocação dos ancestrais, aqueles que edificaram a sua cidade natal na Palestina, conceberam para ele uma raça e que se podem representar, nas outras partes da narrativa, pelos personagens Fundador e Johanus. A essa conduta viandante do personagem, conforme destaca o narrador, associa-se uma espécie de liberdade, a qual Kristeva (1994, p. 19), analisando a natureza nômade do estrangeiro, dirá chamar-se, em absoluto, solidão. Isso por que, ao sentir-se completamente livre, transitando rumo ao infinito, o estrangeiro está só, liberado de tudo e de todos, como parece Joseph ao se desgarrar da família, ainda menino, para peregrinar pelas ruas e pelos parques da cidade durante a madrugada. Essa viagem representa, assim, uma fuga do eu, de uma mesmice de si, que o convívio em família só iria reforçar. Em lugar de fundamentar a sua identidade no similar, o personagem intensifica a sua condição de desterrado, vivendo à deriva na paisagem da cidade.

Nesses instantes de deambulação, talvez Joseph experimente uma espécie de felicidade. Kristeva (1994, p. 12) destaca que, no caso dos estrangeiros, a felicidade se liga a uma errância: “A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo.” Dessa maneira, poderíamos afirmar que Joseph busca, em suas andanças pela cidade, a felicidade do desenraizamento, do nomadismo, demonstrando que para ele a terra prometida não é a América, mas o próprio espaço do aberto, do ilimitado, que ele busca alcançar em suas peregrinações pela territorialidade cidadina. Para Joseph, ela é o destino de fuga, o *não-lugar*, no qual se abrigam o estrangeiro, a mulher de vida fácil, os comerciantes, os transeuntes de uma maneira geral.

## Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Tradução Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.
- BHABHA, Homi Komi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CAPINHA, Graça; FELDEMAN-BIANCO, Bela. **Identidades**: estudos de cultura e poder. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Adauto. (org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaide La Guardiã...[ et all.]. Belo Horizonte: Editora da UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PARKER, Kenneth. Home is where the heart...lies. **Transition**. Cambridge, MA, v. 3, n. 59, 1993.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto. (org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Roniê Rodrigues da. **Corpos alheios**: sonhos, utopias e distopias em *A república dos sonhos* de Nélia Piñon. Natal, o autor, 2003. (Dissertação de mestrado).
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**i Autor(es)**

Roniê Rodrigues da SILVA, Doutor em Literatura Comparada  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
E-mail: rodrigopinon@ig.com.br